

Raquete, peteca e educação

Além de badminton, Instituto Miratus oferece aulas de música, artes, capoeira e informática no Morro da Chacrinha



O fundador do Instituto Miratus, Sebastião Oliveira, posa na quadra dentro da Comunidade da Chacrinha - Felipe Hanower / Agência O Globo

POR MÁRCIO MENASCE

30/07/2013 8:00



RIO — Uma raquete esquisita e uma peteca podem ser responsáveis por muitas mudanças sociais. A prova disso é o Instituto Miratus, que ensina badminton para crianças do Morro da Chacrinha, em Jacarepaguá.

Hoje atendendo 400 crianças, o instituto está expandindo sua atuação. A partir de amanhã, além do treinamento esportivo, passará a oferecer cursos de música, artes, capoeira e informática para crianças a partir de 6 anos.

— A Câmara de Comércio França-Brasil construiu a escola num prédio anexo às quadras, e a Nissan e o grupo Société Générale vão oferecer professores, merenda e livros — conta Sebastião Oliveira, fundador do instituto.

Para manter o amplo ginásio, equipado com aparelhos de musculação, o Miratus conta com apoio de Ministério do Esporte, Oi Futuro, GDF Suez e Lansa. Há 13 anos, entretanto, quando foi fundado, as coisas eram diferentes.

Ex-interno da Funabem, Oliveira conheceu o badminton por intermédio de um colega, professor de Educação Física do Colégio Pedro II, onde também trabalhava como professor da disciplina.

— Eu me apaixonei pelo esporte. Já tinha planos de montar uma escolinha de natação na Chacrinha, onde vim morar quando me casei. Mantive a ideia, mas troquei a modalidade — conta ele.

Como todo homem apaixonado, ele fez de tudo para realizar seu sonho. Comprou um terreno na comunidade e começou a trabalhar:

— Fiz a terraplanagem para a primeira quadra praticamente sozinho, tirei muita terra com enxada e carrinho de mão.

Determinado, ele venceu não só a falta de dinheiro, mas também o preconceito.

— Hoje, temos campeões brasileiros e até pan-americanos formados no Miratus. Mas, quando comecei, o badminton era exclusivo da elite no Brasil. Os treinadores não ensinavam a quem não fosse do grupo. Apreendi tudo sozinho — acrescenta.

Mais que formar campeões, a lição de vida de Oliveira produziu resultados também fora das quadras. É o caso de Marcos dos Santos. Criado na Chacrinha, ele entrou no Miratus aos 11 anos. Hoje, aos 24, não compete mais. Abriu mão da vida de atleta, para se formar em Educação Física. Mesmo fora das competições, sabe bem o que o badminton representou em sua vida:

— Basta dizer que sou o primeiro, entre todas as gerações da minha família, a concluir um curso universitário.